

(apud Andrade, 1962), não é apenas um meio de ver e registrar as coisas do mundo. É um modo de participar das mudanças constantes de uma cultura e também de discutir sobre a afetividade humana e os sentimentos.

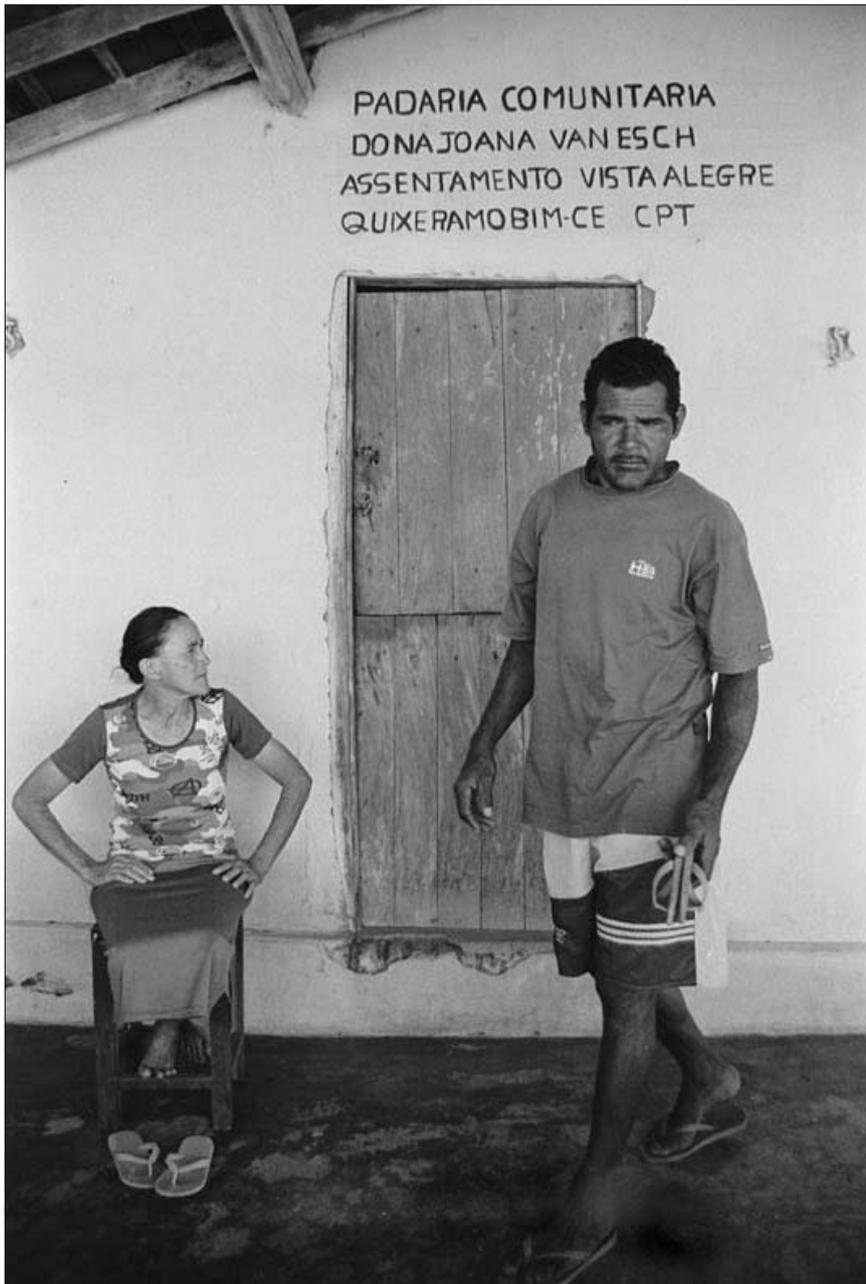


Figura 1 – Reunião do INCRA no Assentamento Vista Alegre – Foto: Fernanda Oliveira – 2005

A fotografia tem, ao longo do tempo, se tornado um importante instrumento de pesquisa em várias áreas. Na antropologia, tem conquistado cada vez mais espaços (Andrade, 2002), pois a câmera fotográfica é um instrumento esclarecedor, norteador e modificador da compreensão humana, com a importante característica de registro da realidade e imortalidade de um momento no tempo que já se foi, e ficou escrito numa imagem, mostrando uma realidade passada, mas ainda presente,

contando uma história, deixando marcas no tempo. Deixando o passado sempre ao nosso alcance, nos permitindo lembrar o que já se foi, deixando escrita a história de um povo para as gerações que um dia quiserem conhecer as bases de suas culturas, o começo de sua história.

A câmera fotográfica torna-se instrumento poderoso de captação e registro da realidade dentro das ciências, no nosso caso, em especial na antropologia. Por esses motivos a fotografia tem sido uma forte aliada no campo das pesquisas antropológicas e etnográficas, conquistando um lugar dentro das ciências iconográficas.

A visualidade enriquece os dados de uma pesquisa antropológica. O uso da imagem como documento e fonte de pesquisa, tem se intensificado e consolidado nas últimas décadas. A fotografia, importante suporte da realidade, contribui para apurar fatos e transformar realidades cotidianas em dados de análise. O poder de registro e construção de memória de um determinado instante por meio da fotografia é um dos principais motivos de a utilizarmos num processo de pesquisa de campo, mas não o único.

Outro fator importante agregado à imagem que também se torna um aliado forte nesse tipo de trabalho é a credibilidade. Ela que sempre foi e sempre será um dos aspectos mais valorizados na fotografia, mesmo que essa venha a sofrer com questões éticas de manipulação e distorção da realidade, ainda assim, nada consegue quebrar o forte estigma de ser “crível” que a imagem carrega (Feuerbach apud Debord, 1997).

Mesmo que uma imagem não represente fidedignamente uma realidade, certamente ela irá registrar um momento existente. Sem dúvida a fotografia é essencial no processo de pesquisa, somando valores que se tornarão dados, que muitas vezes passam despercebidos pelo pesquisador sem uma câmera.

Quanto ao valor de uma imagem dentro de uma pesquisa, acredito assim como Samain (citando e refletindo Goldman, 2005), que um momento pode ter vários olhares, diferentes maneira de ver a mesma realidade, cabe ao pesquisador ter discernimento e ética no seu trabalho.

No projeto de pesquisa das *Mulheres Líderes nos Assentamento do PDHC* a fotografia foi o principal instrumento de trabalho. A câmera fotográfica tornou-se uma parceira indissociável da pesquisadora e da própria pesquisa. Na medida em que eventos e experiências eram registrados, tornava-se mais forte a sensação de etnografar¹ o cotidiano dessas mulheres, seu contexto, e suas características simbólicas.

O itinerário da pesquisa através da fotografia etnográfica

Segundo Geertz (1989), a prática da etnografia não significa apenas estabelecer relações, mapear campos ou manter um diário. Para ele, a prática se define quando o objeto da etnografia representa um conjunto de significantes dos quais as ações e fatos são produzidos, percebidos e interpretados. E esse conjunto de significantes é apresentado como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis de interpretação.

O etnólogo² tem como objetivo observar os modos como determinados grupos sociais vivem suas rotinas. Ele anota, documenta, monitora e busca encontrar sentidos para o comportamento e ações do grupo observado para depois descrevê-las em suas publicações. A descrição etnográfica depende muito de como é trabalhada a observação, de como é vivida a sensibilidade ao outro, do nível de conhecimento acerca do objeto de estudo e da capacidade científica do pesquisador.

¹ O verbo etnografar não existe. Em tese seria um neologismo, mas, na realidade, trata-se apenas de uma liberdade poética de conjugar o objeto de estudo dos etnólogos.

² Neste trabalho, será utilizada a terminologia etnólogo para designar os estudiosos da etnologia. Contudo, vale destacar que a terminologia etnógrafo também é utilizada para designá-los.

A realização de *As Mulheres Líderes nos Assentamentos do PDHC* demandou uma série de estudos prévios: fotografia etnográfica; papel e forma de atuação do fotógrafo pesquisador; etnografia do sertão cearense; relações de gênero; significado de mulheres em situação de liderança; e o Projeto Dom Hélder Câmara.

Primeiro fez-se um levantamento bibliográfico dos temas que seriam trabalhados (antropologia visual, etnografia, relações de gênero, liderança e outros). Em seguida foram mapeados e delimitados os assentamentos nos quais as mulheres líderes seriam acompanhadas em suas rotinas, quem eram as mais atuantes, porque se destacaram, o que as motivava, etc. Por fim, partiu-se para o trabalho de campo, início das visitas, primeiros contatos, inserção nas comunidade, entrevistas e ensaios fotográficos.

A proposta do trabalho era acompanhar de perto a rotina de mulheres líderes dos assentamentos de Quixeramobim, mantidos e assistidos pelo Projeto. Desse acompanhamento resultaram ensaios fotográficos de quatro líderes: Sueli Paz, do assentamento Alegre; Maria das Dores, do assentamento Caraibas; Rocieler Nobre e Maria de Araújo, ambas do assentamento Vista Alegre.

As visitas eram constantes aos assentamentos no ano de 2005, nos primeiros seis meses, costumava ir dois finais de semana sim e um não. Em 2006, com as entrevistas realizadas e os ensaios fotográficos produzidos, as visitas foram ficando mais espaçadas e, no ano de 2007, foram feitas duas visitas para finalizar o trabalho.

Durante todo o tempo de realização das visitas, as percepções de vida das mulheres líderes eram cuidadosamente anotadas numa espécie de “diário de campo”. O comportamento enquanto pesquisadora, inserida numa realidade diferente, também era criteriosamente registrado. Dentro de nossa pesquisa, assim como Malinovski (apud Andrade 2002), acreditamos que o etnólogo deva experimentar e vivenciar a cultura da população estudada para, somente assim, entender seus significados.

Nos primeiros encontros com as mulheres, já era perceptível que elas estavam à nossa espera, como quem recebe uma visita e, por isto, muitas vezes, logo no começo da pesquisa, era esse o tratamento que recebíamos. Até entender que o comportamento de ambas as partes tinha que ser diferente para que a pesquisa fluísse e pudessem ser captados momentos de espontaneidade de suas rotinas, demoramos um tempo. Alguns encontros foram o bastante para que ambas as partes – pesquisadora e pesquisadas – entendessem e respeitassem os comportamentos individuais.

Esse respeito, logo acrescido de credibilidade foi importante para o desenvolvimento e continuidade da pesquisa. Mas, até que essa cumplicidade ocorresse, foi preciso que existisse um processo de familiarização, existindo uma “infiltração” no cotidiano das entrevistadas, até se criar uma “quase” intimidade dentro da rotina dessas mulheres. E com esse comportamento foi melhorando a maneira como elas percebiam a presença da máquina fotográfica, chegando mesmo a não se incomodarem ou se intimidarem com essa presença. Graças a essa aceitação de ambas as partes, algumas imagens de caráter mais íntimo puderam ser feitas em momentos de descontração.

A relação de proximidade entre pesquisadora e pesquisados contribuiu de forma decisiva para a obtenção de imagens mais autênticas, mais próximas do dia-a-dia de suas realidades. Com isso, boa parte das imagens extrapolou o mero registro iconográfico e permitiu avanços iconológicos, importantes para qualquer estudo etnográfico.

Relações de Gênero x Mulheres Líderes

Na agricultura do sertão cearense – ainda de âmbito familiar, na maioria dos casos – a divisão de trabalho e as atividades realizadas caracterizam hierarquicamente as relações de gênero e os

papéis assumidos por homens e mulheres dentro da comunidade. As relações de gênero têm como definição a observação e conhecimento das diferenças sexuais, pois as pessoas nas sociedades criam conceitos sobre o que é masculino e o que é feminino. Com isso, se estabelecem também as idéias de como deve ser a relação entre homem e mulher, entre as mulheres e entre os homens. (PEIXOTO *et al.*, 2004).

Neste sentido, um dos principais pontos enfocados pelos estudiosos é a divisão de tarefas, as funções de homens e mulheres no mundo do trabalho. Essas atividades são classificadas em produtivas (ao serem realizadas produzem bens de consumo e serviços, em troca de remuneração) ou reprodutivas (realizadas no espaço doméstico).

Durante séculos, às mulheres cabiam as atividades reprodutivas, parte das atividades produtivas e subserviência ao pai, aos irmãos ou ao marido. De acordo com Portella *et al.* (2004), tudo era negado às mulheres, da identidade aos direitos. Este cenário começou a mudar a partir da década de 80, quando as mulheres começaram a se organizar em comunidades de trabalhadoras rurais, mas ainda há muito que avançar.

Hoje, no sertão cearense, ainda é grande o número de mulheres submissas aos seus maridos, que têm medo de sua autoridade e por eles são proibidas de participar dos grupos de mulheres ou quaisquer outras atividades que não sejam exclusivamente domésticas. Também é grande o número das que não possuem documento (carteira) de identidade, o que caracteriza uma forma de concentração da posse da terra apenas em nome do homem.

Contudo, algumas mudanças vêm ocorrendo neste sentido, notadamente no ambiente de assentamentos rurais. Muitas das mudanças que acontecem em todo o país, como relata Portella *et al.* (2004) e no interior do Ceará, especificamente, se devem às organizações das mulheres. As mulheres líderes são pessoas simples, que assumem papéis de liderança em comunidades e instituições. Esta pesquisa enfocou mulheres comuns, trabalhadoras rurais que vivem em assentamentos do Projeto Dom Hélder Câmara, no Sertão Central do Ceará. Mulheres de movimentos sociais, mobilizadas em torno de projetos políticos marcados pela noção de feminilidade. Nestes assentamentos, as mulheres são escolhidas como lideranças pela própria comunidade e se tornam responsáveis pela formação e manutenção do grupo de mulheres.

Grupos formados por mulheres, no interior do Ceará, conseguiram quebrar preconceitos e conquistar, na prática, direitos que há muito tempo só estavam no papel. A participação em trabalhos como piscicultura, ovinocultura, horticultura, caprinocultura e padaria comunitária; a criação de programas de rádio e de times de futebol feminino; o direito à identidade e a participação nas reuniões do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e dos sindicatos, são alguns exemplos dessas conquistas. Mas, ainda hoje é preciso muita luta para que homens e mulheres vivam – e dividam – uma sociedade mais justa.

Elas, as mulheres.

Quatro mulheres, três líderes e uma chefe de grupo, tiveram sua rotina acompanhada de perto – e fotografada – pela pesquisa. São elas: Sueli da Paz, do Assentamento Alegre, Maria das Dores (Dora), do Assentamento Caraíbas, Rocicler Nobre e Maria de Araújo, ambas do Assentamento Vista Alegre. Com o intuito de buscar maior proximidade com a vida e a rotina dessas mulheres, e tomá-las como amostra do universo das mulheres líderes, a pesquisa delimitou um grupo pequeno, para observá-lo melhor.



Figura 5 - SUELI PAZ – 38 anos, Mulher Líder do Assentamento Alegre - Foto: Fernanda Oliveira - 2005

“Olha a relação dentro de casa, te falo com todas as letras, todo o trabalho é da mulher... e eu não sei quando vai melhorar (...) De lá para cá estamos nos organizando e conquistando nossos direitos. Ainda temos muitas batalhas a vencer, mas agora são mulheres de todo o mundo, unidas. Será menos difícil (...) temos direitos, mas estão só no papel. Temos que nos unir e lutar para torna-los realidade.” (PAZ, 2005)³



Figura 5 – MARIA DAS DORES, 42 anos, mulher Líder do Assentamento Craíbas- Foto: Fernanda Oliveira - 2005
“A mulher não significava nada.” (Maria das Dores, 2005)⁴

³ Sueli Paz, líder do Assentamento Alegre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.

⁴ Maria das Dores, líder do Assentamento Caraíbas. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.



Figura 7 - ROCICLER NOBRE – 48 anos, Mulher Líder do Assentamento Vista Alegre – Foto: Fernanda Oliveira - 2005

“É claro que no começo do casamento, logo novinha, o que ele mandava eu fazer, eu fazia. Mas depois eu percebi que não era bem assim. (...) Pois eu vou falar. Porque assentamento tem que ter coletivo, tem. Eu falo enquanto eu tiver aqui, porque o coletivo não vai se acabar fácil assim não, porque eu insisto. Vai continuar, vai! Porque é obrigação do assentamento ter coletivo. Mesmo que os homens não queiram. Tem alguns machistas. A gente já tá quebrando o preconceito deles, mas a gente vai em frente (...) Se ela quer ser mandada por ele, que seja. Mas eu sempre digo às outras: eu não vou ser mais mandada por homem, porque eu já cansei de ser mandada. A gente tem mais é que combinar.” (Rocicler Nobre, 2005)⁵



Figura 2 - MARIA DE ARAÚJO – 48 anos, Grupo de Mulheres do Assentamento Vista Alegre – Foto: Fernanda Oliveira – 2007

⁵ Rocicler Nobre, líder do Assentamento Vista Alegre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2005.

“Eu estou no segundo casamento (...), meu homem é feito pra pegar mesmo. Aqui no interior tem muito homem que tem mais de uma mulher, pra mim um homem basta, mas se o homem tem direito a ter várias mulheres, o mesmo direito temos nós. Ao meu homem, eu dou o que recebo”.(Entrevista de Maria de Araújo, 2007).

“Nós também fazemos parte dessa seleção para o trabalho [...] Eu cuido da terra, da plantação e da produção [...] Mulheres e homens organizados na luta permanente, é nisto que acredito.”
(Maria de Araújo, 2007)⁶

Sobre Elas

Nas entrevistas com cada uma das mulheres foi possível perceber, em seus discursos e comportamentos, o que representava ser líder e como foi – e continua sendo, em muitos casos – difícil buscar uma relação justa dentro da própria casa e na comunidade como um todo.

Sueli Paz é uma das mulheres mais atuantes. Ela é a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e está sempre presente. Visita todos os assentamentos e grupos de mulheres, participa incansavelmente das constantes reuniões entre as comunidades e mobiliza as atividades dos grupos. Além de líder de seu assentamento, o Alegre, Sueli é também a líder das líderes, ou seja, é a mulher responsável pelo andamento dos grupos.

Nas entrevistas, Sueli falou da carga de trabalho e do acúmulo de atividades que recaem sobre as mulheres. Em seu caso, além de presidente da associação e líder de seu assentamento, também é a responsável por todos os afazeres domésticos, mais as funções de mãe e esposa. Ela destacou importantes conquistas das mulheres nos assentamentos: o reconhecimento de sua força de trabalho e o direito de serem ouvidas e respeitadas nas reuniões da comunidade. Mas ressaltou que, dentro de casa, ainda falta conquistar a participação dos maridos nas atividades domésticas, dividindo com elas o trabalho, sendo mais presentes e companheiros, de forma aliviar sua dupla jornada de trabalho, a das atividades produtivas e reprodutivas.

Nas entrevistas da pesquisa, Maria das Dores contou que, mesmo antes da existência do assentamento, quando era empregada da dona da fazenda (onde hoje é o assentamento) já sentia “correr o sangue da liderança” em suas veias: estava sempre “brigando” por seus direitos e liderando a formação de grupos de jovens e de trabalhadores rurais. Dôra, como é chamada, sempre esteve à frente dos grupos de sua comunidade mas, destacou que a consciência de seus direitos de mulher e da importância da mulher nas atividades produtivas só passou a ter com a criação do assentamento e a formação do grupo de mulheres, por meio do sindicato dos trabalhadores rurais. Depois disso, disse ela, “minha vida tomou um destino mais político e organizado”.

Hoje, o grupo de mulheres de seu assentamento, o Caraíbas, mantém criação de galinhas, criação de peixes (piscicultura), horta, plantação de milho, além de outras atividades. No começo, seu marido de Dôra questionava o fato de ela estar deixando os afazeres domésticos para “servir o pessoal lá de fora”.

Segundo Dora, isso durou pouco tempo, pois assim que percebeu que o assentamento havia ganhado organização e produtividade com a presença e o trabalho das mulheres, o próprio marido virou um de seus maiores apoiadores e, muitas vezes, a ajuda em seus afazeres domésticos.

A mesma dificuldade, com o marido no início, também foi enfrentada por Rocicler Nobre, do assentamento Vista de Alegre. Ela relatou que, no início, tinha vontade de participar, mas não o fez porque os homens, inclusive seu marido, não aceitavam a presença de mulheres nas reuniões. No início, enfrentou preconceitos dentro e fora de casa. Rocicler disse que foi preciso “enfrentar” seu

⁶ Maria de Araújo, Grupo de Mulheres do Assentamento Vista Alegre. Entrevista concedida a Fernanda Oliveira em 2007.

marido até ele aceitar a nova situação, houve uma série de desentendimentos entre eles, mas ela estava decidida “não iria ficar calada, não”. Nas próprias visitas da pesquisa foi constatado nas participações das reuniões do assentamento, do grupo de mulheres e do Inca, que Rocicler enfrentava a autoridade do marido. Mas nas entrevistas realizadas em casa, era notório que ela mudava sutilmente a postura e era cuidadosa com o marido. Dentro de casa, continuava a ser uma “dona de casa” que cuidava com atenção e carinho do marido, de sua comida e suas roupas. Rocicler convive com o contraste. Ela mesma assume que “em casa é uma coisa, nas reuniões é outra”.

Percebemos nos relatos e entrevistas de Rocicler, que muitas vezes seus discursos parecem contraditórios aos seus comportamentos, e é interessante observar que na verdade sua atitude apenas mostra a sua realidade, de uma mulher que ama seu marido, mas que teve e tem que enfrentar o preconceito de sua comunidade, mesmo que seja dentro de sua própria casa, mesmo que para isto seja preciso separar o que é a relação dentro de casa e o que é a relação política e de trabalho do assentamento.

Esse problema não teve Maria de Araújo, do mesmo assentamento (o Vista Alegre). Ela disse não haver encontrado resistências dentro de casa; que o marido “não gostava muito, não”, mas também não reclamava: “Achava mesmo era engraçado esse negócio das mulheres todas reunidas.” Ela foi uma das mulheres com quem mais mantivemos contato na pesquisa no período entre 2006 e 2007. Em razão dessa intensidade, foi possível perceber que, de fato, o relacionamento dela com seu marido é muito tranqüila e respeitosa. Eles se ajudam, conversam, namoram, riem muito e mantêm, com isso, um clima bastante descontraído.

Longe ainda de ser unanimidade, ainda existem nessas comunidades, mulheres que sequer participam das decisões, que têm medo de ir às reuniões por causa de seus maridos “porque lugar de mulher é em casa, na cozinha”. Mas, graças à coragem e iniciativa de tantas outras, aos poucos se constrói uma nova realidade no sertão do Ceará. E essas mulheres líderes, que estão escrevendo uma nova página na história do estado, estão sendo as protagonistas deste trabalho. Mulheres como Sueli, Rocicler, Dôra e Maria que, em primeira instância, representam tantas outras mulheres incógnitas nos sertões, mas que, com certeza, também estão lutando por seus direitos.

Considerações Finais

A fotografia, durante décadas, foi utilizada pela antropologia apenas como auxiliar de pesquisas, uma espécie de registro “precioso” da realidade. Porém, após anos e anos de trabalho, a antropologia atribuiu novos valores à fotografia e ambas uniram forças numa aliança imprescindível para o amadurecimento científico. Hoje, existe uma categoria de fotografia extremamente relacionada à antropologia, a fotografia etnográfica, reconhecida e utilizada como instrumento de pesquisa de etnias.

O propósito deste trabalho, desenvolvido nos assentamentos do Projeto Dom Hélder Câmara, no sertão cearense, foi utilizar a fotografia etnográfica para retratar e estudar a realidade vivida pelas mulheres líderes frente às relações de gênero e às mudanças que vem ocorrendo dentro dos assentamentos, num primeiro momento, e no interior do estado do Ceará, por extensão.

Atenta aos ensinamentos de Collier Jr. (1973), de que o pesquisador tem que ser seletivo, a nossa pesquisa foi conduzida com atenção e receio. Atenção para evitar que informações importantes da realidade das mulheres líderes passassem despercebidas; receio de que as “seleções” ganhassem caráter pessoal e deixassem de ser representativas do universo pesquisado. Guimarães (2005) diz que a intuição é um forte aliado do etnógrafo. E, com certeza, a intuição, muitas vezes, foi determinante para a pesquisa e a produção das fotografias do nosso trabalho. A fotografia foi um poderoso instrumento de coleta de dados no trabalho de campo. Ela apreendeu a realidade

vivida pelas mulheres líderes do PDHC; registrou momentos que retratam as mudanças, mapeou fatos, documentou as mulheres em suas novas rotinas de vida.

A fotografia contribuiu – em muito – para mostrar as mulheres que querem e buscam mudanças no sertão cearense, que participam de transformações históricas na região. Sem a câmera fotográfica, muitas informações não teriam sido levantadas. A fotografia foi essencial para se atingir os objetivos da pesquisa.

Uma surpresa interessante durante a realização do trabalho foi perceber que as imagens representavam com precisão os depoimentos colhidos em entrevistas pessoais e os estudos preliminares que haviam sido realizados para a pesquisa. As imagens parecem fielmente remissivas às pesquisas bibliográficas e de campo. Provavelmente, essa relação tenha sido atingida em razão do envolvimento entre pesquisadora e objeto de estudo, as mulheres líderes. Malinovski (apud Andrade 2002) diz que o etnólogo deve vivenciar e experimentar a cultura da população estudada, que a sociedade tem que ser pesquisada como uma totalidade, no momento em que é observada.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Rosane de (2002). *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade.
- DEBORD, Guy; [tradução de] Estela dos Santos Abreu (1997). *A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- GUIMARÃES, Carmen (Acesso em 04 out. 2005). *A abordagem etnográfica na investigação científica*. Fortaleza, 04 out. 2005. Disponível em: <<http://www.uerj.com.br>>.
- GEERTZ, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- JÚNIOR, John Collier; [tradução de] Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro (1973). *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. 1 ed. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo.
- PEIXOTO, Socorro (2004). *As relações de gênero no semi-árido: diagnóstico do território do sertão central do cearense*. Fortaleza: Esplar Centro de Pesquisa e Assessoria/ Projeto Dom Hélder Câmara.
- PORTELLA, A.P; SILVA, C; FERREIRA, S (2004). *Mulher e trabalho na agricultura familiar*. Recife: SOS Corpo – Gênero e Cidadania.
- SAMAIN, Etienne (2005). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec/ Editora Senac São Paulo.

Autora: Fernanda Oliveira

Graduada em Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda, pela UNIFOR – Universidade de Fortaleza. Aluna do Curso de Pós-Graduação em Teoria da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Orientadora: Cristiana Parente

Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).